

1.º Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica

Acto inaugural

LISBOA. — Solemnemente e sob a presidência do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, começou no dia 15, como no vicinismo o Primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, promovido pela J.U.C. e pela J.U.C.F.

A sessão de abertura realizou-se no amplo pavilhão de oficinas do Instituto Superior Técnico, por não haver salão que pudesse comportar o elevado número de congressistas e convidados. Acorreram muitos milhares de juvenis que entusiasticamente vindicaram a sua inteira participação nas directrizes do Congresso: «Estar presente e servir a Igreja».

Por entre calorosas ovações Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa deu entrada, acompanhado pelos Senhores Arcebispos e Bispos. Na presidência, ladeavam Sua Eminência as seguintes entidades: Monsenhor Moreira, em representação do Senhor Nuncio Apostólico, ausente por licença; prof. dr. Pirès de Lima, ministro da Educação Nacional; D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Mililene; dr. Belard da Fonseca, director do Instituto Superior Técnico; dr. Bernard Ducrot, secretário-geral do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos — Pax Romana; prof. Fernando Magano, D. Maria de Lourdes Pintasilgo, presidente da J.U.C.F. e dr. Adérito Nunes, presidente da J.U.C.

Nas primeiras filas viam-se os Senhores Arcebispo de Evora, Arcebispo-Bispo de Coimbra e Bispos de Beja, Ponta, Priene, Euzes e Auxiliar de Aveiro; numerosos catedráticos, entre os quais os srs. profs. José Gabriel Pinto Coelho, Gonçalves Rodrigues, Gomes da Silva, Cordeiro Ramos, Moses Amzalak, Tossano Rico, Joaquim Fontes, Braga da Cruz, Lopes e Andrade; e todos os assistentes dos diversos organismos da Acção Católica.

Por entre vibrantes salvas de júbilo deu-se início à sessão solene com a leitura do seguinte telegrama recebido do Vaticano: «Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, presidente da Junta Central da Acção Católica Portuguesa. Vaticano, 9 de Abril de 1953. Excelência: «Na véspera do primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, masculina e feminina, de Portugal, o Soberano Pontífice compraz-se em responder ao vosso filial pedido dirigindo a todos esses queridos jovens reunidos em Lisboa os Seus votos paternais.

«O pensamento católico e a Universidade — tal será o tema desta assembleia, que se realizará sob o patrocínio do Episcopado Português, com a participação de professores das três Universidades do País. Uns após outros serão enviados os múltiplos problemas que hoje põem à consciência dos estudantes a penetração e a irradiação da fé cristã em todo o seu pensamento e em toda a sua vida.

«O apostolado intelectual é di-

fícil. Tanto como qualquer outro é estéril sem graça haurida na oração e na frequência assídua dos Sacramentos; mais que muitos outros, exige a autoridade de uma competência pessoal, muitas vezes adquirida a preço de obscuras e pacientes fadigas. É tarefa das Organizações da Acção Católica, cujo pensamento humilde e firme se deixe prender apenas da verdade e cujo coração se abra largamente às necessidades espirituais e temporais de seus irmãos.

«Confiança pois de todo o coração à maternal intercessão de Nossa Senhora de Fátima o futuro dos movimentos católicos da juventude académica portuguesa, o Santo Padre concede a Vossa Excelência e a todas as que participam neste primeiro Congresso Nacional uma paterníssima Bênção Apostólica.

«Queira aceitar, Excelência, a expressão dos meus mais devotados sentimentos em Nosso Senhor. J. B. Montini. Prosecretário».

Foram lidos, depois os seguintes telegramas enviados pelo Congresso:

«Sua Santidade o Papa Pio XII. Cidade do Vaticano. Universitários da Acção Católica Portuguesa, reunidos em número 1.900, no seu primeiro Congresso Nacional, sob a alta presidência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa e na presença do Ven. rando Episcopado agradecem comovidamente a Vossa Santidade a agreste mensagem que por intermédio da Secretaria do Estado se dignou de lhes enviar e protestam a sua dedicação inquebrantável à Santa Igreja e a sua filial submissão ao Vigário de Cristo. Os presidentes Maria de Lourdes Pintasilgo e Adérito Nunes».

«Sua Excelência o Presidente da República, Lisboa. Universitários católicos, reunidos em número de 1.900 no seu primeiro Congresso Nacional para estudar os problemas da Universidade à luz do pensamento da Igreja, saudam respeitosamente V. Ex.ª afirmando o seu vivo desejo de trabalhar pelo engrandecimento da Nação Portuguesa. Os presidentes Maria de Lourdes Pintasilgo e Adérito Nunes».

O primeiro orador da sessão foi o presidente-geral da J. U. C., dr. Adérito Nunes. Depois de ter saudado o Senhor Cardeal Patriarca, o sr. Ministro da Educação Nacional, os reitores e professores universitários presentes e os delegados das federações estrangeiras, explicou os motivos por que se organizou em Portugal um Congresso sobre a Universidade, exultando simultaneamente como centro de formação da elite dum País e como ponto de elevada concentração do saber.

Em seguida, foram lidos muitos telegramas e mensagens de saudação ao Congresso, vindas de todo o País, do Ultramar e de vários países do estrangeiro. Entre as mensagens contam-se as dos estudantes católicos Universitários de Madrid e do Colégio Maior de S. Pablo de Salamanca; dos estudantes católicos

italianos, brasileiros e paraguaios; estudantes católicos argentinos no exílio, estudantes católicos exilados na Holanda, Federação Francesa de Estudantes Católicos. Todos os Prelados portugueses que não puderam vir ao Congresso enviaram também telegramas ou mensagens de saudação.

Falou, a seguir, o sr. prof. Fernando Magano, que depois de desenvolvidamente falar sobre a missão da Universidade e as responsabilidades sociais dos universitários, disse, a terminar:

«Voltará a humanidade à paz dos claustros para então se reencontrar. Mas o específico carácter, desta nossa hora é que os claustros se situam no âmago das multidões e é aí, ali mesmo, que haverá que semear a paz, dizendo a palavra lúcida, exemplificando, dizendo acções...»

«A palavra da Igreja, que primeiro se dirige à consciência, ao ânimo da cada um, envolve logo por sua mesma definição e carácter, a comunidade dos homens. E lembrai-vos que vivam a sua hora, olhos postos na Hora de Sempre.

Quando dizeis magnífico juízo — estar presente, servir a Igreja — desenhais o mais nobre programa da juventude: viver plenamente a sua hora, vivendo sinceramente a lei do Senhor Jesus. A nossa hora é esta; a lei está na Igreja. A Universidade diz o saber da hora; a Igreja ensina o saber de sempre. A Escola esclarece a viver; a Igreja enobrece a vida. A primeira é o momento; a segunda é o sempre.

«Vivamos, então, conscientemente, o nosso momento, confiadamente para sempre».

Discursou, a seguir, o Senhor Arcebispo de Mililene, que se referiu largamente ao Apostolado Universitário, dizendo, a certa altura:

«A vida consiste principalmente na colaboração com a graça, que o Senhor generosamente concede, sobretudo pelos sacramentos, pela oração e pelo sacrifício. Longe de dispensarem o exercício da virtude, que é esforço, muitas vezes heróico, os pergaminhos universitários mais o reclamam, porque sempre pesam as maiores responsabilidades sobre os que estão situados em postos mais altos. Os primeiros nas honras serão os primeiros no cumprimento dos deveres mais árduos. Mas como todo o cristão, por imposição de fé e por exigência da caridade, deve ser foco de irradiação espiritual, também o universitário será apóstolo».

A terminar, afirmou:

«Depois de muitos anos de espectação e de sacrifícios, de um grupo generoso de jovens universitários, inaugura-se este Congresso. É como esplêndida aurora, carregada de projectos audaciosos e de claras esperanças. Mas não se consegue do que o árduo trabalho da sua organização, já seriam aborçoados os sacrifícios que impli-

«Mas, para além dele, abri-

Última reunião plenária dos trabalhos

Na última reunião plenária dos trabalhos do Congresso Nacional da JUC, a que presidiu o Professor Alvaro Costa Pimpão, foi apresentada pelo Professor Augusto Vaz Serra, da Faculdade de Medicina de Coimbra, a tese «A Universidade e a Igreja».

O orador, depois de rapidamente esboçar o panorama do mundo contemporâneo, que traz como consequência a perda de ideia de tradição familiar passado, individualidade e consciência histórica, dividiu o seu trabalho em três partes, das quais, respectivamente procurou responder às perguntas sobre significado da Universidade, Igreja e relações entre Universidade e Igreja.

Sobre conceito de Universidade deteve-se principalmente sobre o tema «Universidade moderna e os seus deveres de instrução educativa». Definido em seguida a Igreja como a comunidade dos cristãos, e mostrou como nela domina as quatro virtudes essenciais: a verdade, a moralidade, o amor e o heroísmo. Abordou depois o dever da instrução própria da Igreja e apontou várias características da pedagogia — que se apoiam fundamentalmente em liberdade e vivência em Cristo.

Terminou com as seguintes palavras: «se cristão se pode considerar o indivíduo com acréscimo de dignidade, ter igualmente de sentir-se com maior responsabilidade e dever. E é na maneira como transporta essa nova personalidade e dela faz irradiar os méritos da sua condição que o universitário católico realiza uma obra de apostolado em tudo digna de agradecimentos e louvo-

«se um mundo novo. Abne, não foi a sementeira. Por Deus será abundante a messe promiscorras».

A encerrar a sessão falou, de improviso, o Senhor Cardeal Patriarca que se congratulou pela maneira elevada como decorreu o acto inaugural do Primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica. Frizou que o tema não podia ser melhor escolhido, nesta hora em que o Mundo está a sofrer as dores do nascimento do Novo Mundo.

Estar presente! para que no Novo Mundo seja edificadão não na escravidão, mas na liberdade, na alegria, na paz, na bondade, na Verdade, no Amor. Sua Eminência disse que servir a Igreja — fero: da Luz e da Verdade de Cristo — é autêntica libertação. A terminar o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira patenteou a semelhança das palavras católicas e universitárias e, por fim, exclamou: — Abriu brilhantemente este Primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica.

Toda a assistência vitorizou de moradamente e de pé o Venerando Prelado. — ANI.

res da Igreja da Universidade e da Nação.»

Seguidamente realizou-se a sessão de encerramento, presidida por Sua Eminência Reverendíssima o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que entrou na sala pisando as capas que os estudantes entenderam até à mesa da presidência.

Aberta a sessão, o Dr. Adérito Nunes resumiu os trabalhos do Congresso e fez elogiosas referências à colaboração prestada por todos, em especial pelos representantes estrangeiros, cuja presença agradeceu.

Seguindo-se no uso da palavra Maria de Lourdes Pintasilgo, presidente da JUCF que formulou votos de que o segundo Congresso se realize dentro de cinco anos, e que a assistência entusiasticamente aprovou.

Neves Castro leu por entre entusiasticos aplausos as conclusões e votos do congresso; os últimos cinco a definirem a súplica do pensamento expresso nos princípios gerais.

Seguidamente levantou-se para fazer Sua Eminência Reverendíssima o Cardeal de Lisboa, que disse: — «Ficou magnificamente este Congresso. Encerrou-se gloriosamente. Pode considerar-se um acontecimento histórico na vida nacional. Há mais estrelas no céu desde que ele se abriu. Há mais estrelas no céu pelos horizontes que vós ganhais com esperança.

Benditos sejam os que trouxeram esta alegria à terra cristã portuguesa. Reuniram-se aqui, neste dia, professores e alunos, tratando-se de problemas universitários, à luz de princípios cristãos. E esta reunião é já um prenúncio dessa universidade nova de que tanto se falou nesta corporação de professores e alunos durante este congresso. Todos nós nos felicitamos com isso.

Foi notada neste Congresso ausência na instituição universitária daquela que tem a palavra da vida eterna. E por isso se reconheceu qua a luz saída da universidade beneficia a fé cristã, beneficia a ciência, a cultura, mas por virtude dela não beneficia aquilo que importa ao homem de a conhecer para ser homem.

Muitas perguntas são postas à inteligência, aos corações humanos, mas só uma é necessária: o que somos, de onde vimos, para onde vamos.

Todo o sentido da nossa vida depende da resposta a estas perguntas e a universidade não sabe dar.

Atravessamos um momento único da história do mundo. Foram pronunciadas na nossa vida as grandes blasfémias: Deus morreu; a Igreja é a prisão do espírito e dos corações humanos; Deus morreu!

Mas em toda a parte onde ele morreu, morreu o homem e em vez dele surgiu o escravo, surgiram multidões de escravos com fachos fumegantes na mão a incendiar o mundo inteiro. A prisão

(Continua na página 3)

Última reunião plenária dos trabalhos

(Continuação da pág. 5)

do espírito e dos corações humanos! Mas a Igreja, desde há dois milénios que é refúgio dos maiores espíritos da humanidade, que nela encontraram a resposta aos segredos escondidos a toda a investigação científica, a toda a investigação filosófica.

Desde há dois mil anos é ela que inspirou as almas mais belas mais heróicas, mais santas, que honra, que são glória, que são resgate da nossa espécie.

Há dois mil anos que ela canta com alegria matinal a inocência canta mocidade pura e heróica canta a idade adulta triunfante da morte. A Igreja canta, enche o mundo de alegria enche o mundo

É certo que alguns ainda nos nossos dias temem que lhe tenha faltado adaptação e eficácia para tarefas criadoras.

Actualidade! Eficácia! Quereis outra palavra melhor, senhores professores, senhoras, senhores da actualidade e da eficácia da acção da Igreja do que esta bela e gloriosa mocidade?

Quem é que vos ensinou o segredo do sentido da nossa vida? E a vida vale apenas viver-se.

Que é no fim senão co-aboração com o criador e com o Redactor na obra de emancipação humana, na glorificação de Deus?

Quem vos ensinou que bem era bem, que mal era mal, e que para realizar o bem é belo, é glorioso, é melhor dar a vida? Quem foi que vos ensinou a vós a dominar as paixões? Sei que sois briosos e o mundo feio quer dividir-vos, quer separar-vos, quer escravizar-vos rompendo esta harmonia que é toda edificação do homem sobre institutos dominados, elevados à realização duma ordem na harmonia, ordem na beleza, ordem na bondade, que só consciência entrevê, que não vê microscópio que não mede balança. Quem foi? Quem foi que vos ensinou a vós a assim caminhar no mundo triunfadores das forças inconscientes mas furiosas cantando uma esperança de reconstrução de enobrecimento? Quem foi se não a Igreja?

Queridos universitários católicos: eu vou terminar e queria dizer-vos agora palavras ardentes, palavras como aquelas línguas de fogo que caíram do cenáculo na manhã de Pentecostes, palavras que entrassem em vós, que vos enflamassem, que vos tornassem luminosos para que fosseis na nossa terra luzes acesas de redenção.

Queria dizer-vos palavras assim que vos transfigurassem à imagem Daqu'le cujo ideal não é uma abstracção, não é uma aspiração generosa de coração ardente. Nosso ideal é uma coroa, nosso ideal é uma realidade viva, nosso ideal é Nosso Senhor Jesus Cristo, é o Homem Deus, é aqu'le em que se realiza a plenitude humana.

E Sua Eminência terminou dizendo: Cristo tirado à Igreja é um Cristo que não é criado, que não é redentor, que não é salvador.

Universitários católicos: levais convosco Cristo. Mas um Cristo vivo e Cristo vivo é em vós, é ele iluminado no fulgor da nossa inteligência; é ele conquistado no ardo do vosso coração que Espírito

Santo nele põe. Não sabeis vós que Espírito Santo está no coração de todos os cristãos, que está em graça? Não sabeis vós que todo o cristão é um templo vivo de Deus? Não sabeis que a Santíssima Trindade habita o vosso peito?

Universitários católicos: Cristo vive em vós no fulgor da vossa fé, no calor do vosso coração, nesta redenção já operada na vida cristã que mantém na verdade da vida, no amor que é uma vida na justiça que é uma vida na beleza, que é uma vida na liberdade de filhos de Deus, dominadores seguros do Universo. Tudo foi criado para nós, como ensinava numa das suas meditações Santo Inácio de Loio'a, tudo foi criado para nós filhos de Deus. Foi já há anos fa'ava também a estudantes em Coimbra, em lugar por onde me ficou tanto coração, e lembro-me desta vez que tinha evocado um exemplo do pai do Conde Montalembert que era jovem como vós. Na sua frente luz e inteligência, nos seus olhos cântico e pureza, nas suas atitudes todo o testemunho da dignidade. E naquele coração, um ardor como o nosso de não perdoar só para ele tesouro de luz tesouro da caridade, tesouro da paz, tesouro da bem aventurança, que e' trazia como católico. O pai trazia o direito de irrecusável respeito diante daqu'le filho. O pai era outra época, era filho do século crítico, do século frívolo, mas diante daqu'le rapaz, juventude em flor, juven-

amb o'ração p' uma coisa e' o'ração e' pura quando entrava no seu gabinete sem querer o pai se levantava.

Senhores professores, Senhores Arcebispos e Bispos, Senhoras, Senhores, convido-vos também a levantar-vos para aclamar estes briosos, estes numerosos, estes heróicos rapazes e raparigas católicas.

Cl Oriente
(25-6-53)



Fundação Cuidar o Futuro